

Romper o muro de silêncio imposto pelos monopólios

● José Luís Cabaço na reunião dos «Cinco»

Dando início aos trabalhos da I Reunião dos Ministros da Informação dos «Cinco», José Luís Cabaço, Ministro da Informação da República Popular de Moçambique proferiu um discurso que pela profundidade de análise que efectua em torno da problemática histórica, passada e presente, dos cinco, constitui importante documento para todos quantos se interessem pelas questões relacionadas com a implantação de uma Nova Ordem Internacional de Informação e Comunicação. Como já foi noticiado, a reunião dos Ministros da Informação dos «Cinco» teve lugar em Maputo a 22 e 23 de Março passado nas instalações do Hotel Rovuma.

Publicamos em seguida os passos mais importantes da intervenção do Ministro moçambicano:

Os laços com os quais construímos hoje a nossa cooperação, temperámo-los nos sofrimentos partilhados face à dominação estrangeira, na memória das humilhações vividas, na exaltação da pátria e da liberdade duramente conquistadas.

Há cerca de um mês os nossos Chefes de Estado trabalharam em conjunto na Cimeira em S. Tomé. Foi explícita a referência que fizeram à área de Comunicação Social bem como a recomendação renovada de que nos devíamos reunir para estendermos às áreas da nossa responsabilidade, a cooperação crescente entre os nossos cinco países.

Estamos ainda longe de ter aproveitado convenientemente as facilidades de que dispomos e muito menos, é preciso admiti-lo, de ter respondido correctamente à aspiração comum dos nossos povos de mais intimamente se conhecerem.

O Camarada Presidente Samora Machel costuma dizer: «Só se ama o que se conhece.»

É, pois, nossa responsabilidade proporcionarmos-nos reciprocamente o conhecimento das realidades de cada um de nós para que os nossos povos se identifiquem nas experiências vividas e se amem e se respeitem cada vez mais.

Alargarmos a cooperação significa portanto, antes de mais, fazermos dos órgãos de comunicação social veículos permanentes e eficazes da troca de conhecimentos entre nós.

Caros Camaradas
e Amigos

A vitória das lutas de libertação dos nossos povos, dirigidos e organizados pelas suas vanguardas políticas, e a independência nacio-



O Ministro da Informação de Moçambique usando da palavra na reunião dos «Cinco» (Foto AIM)

nal, proclamada com orgulho pelas vozes dos nossos dirigentes, tiveram grande impacto continental e internacional.

Com as nossas vitórias, destruímos mitos de superioridade racial e, em particular, o tabu da invencibilidade em África dos exércitos europeus.

As nossas lutas deram à África o exemplo de povos que aceitaram morrer para serem livres e independentes. Já cidadãos de pátrias libertadas aceitámos de novo o sacrifício e a morte, pela libertação dos povos oprimidos vizinhos.

Continuamos inabaláveis na nossa determinação de edificarmos sociedades viradas para o bem-estar dos trabalhadores, sob a direcção de governos populares, e a nossa filosofia po-

lítica está cada vez mais enraizada em sentimentos e propósitos de independência nacional, participação democrática, progresso e justiça social.

Este passado glorioso e o presente de luta e determinação fazem dos nossos países alvo de conspirações e de constantes agressões.

A forma mais sistemática e intensa de agressões é sem dúvida a agressão ideológica. Nós, na frente da Comunicação Social, vivemo-la directamente, hora a hora.

Como Estados independentes, como profissionais da informação, membros das nossas organizações nacionais, e filiados nas organizações internacionais, confrontamo-nos permanentemente com a sofisticada e insinuante acção dos que pretendem impor-nos concepções, valores e modelos alienados da nossa realidade e alienantes da nossa liberdade. Este combate contra as ideias erradas que o inimigo procura semear no nosso seio, é um combate que temos de realizar em primeiro lugar dentro de nós próprios, que devemos travar quotidianamente na nossa redacção, oficina, laboratório, em toda a parte. Só o pensamento comum e a convicção profunda na justiça da nossa causa nos dá a certeza da vitória, sempre que nos temos de confrontar directamente com o inimigo.

Permitam-me que recorde, neste nosso primeiro encontro em dez anos de independência, algumas das fases porque passámos nesta frente de luta.

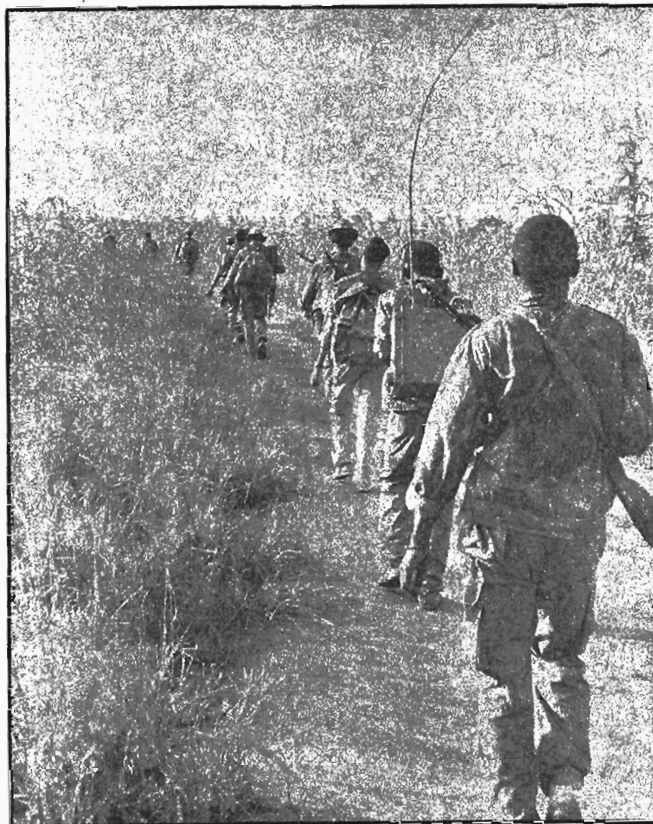
Quando, como Movimento de Libertação, decidimos combater de armas na mão o colonialismo, o racismo, a exploração, a ocupação estrangeira da pátria, o fascismo, a repressão, situações que do ponto de vista ético têm sido condenadas em todo o mundo e em todas as organizações, os grandes monopólios da informação ergueram um muro de silêncio em torno das nossas lutas.

Temos consciência das causas desse silêncio: éramos em última análise, exemplo indesejável de povos africanos que ousavam desafiar a dominação europeia e o poder da sua máquina repressiva e que o faziam, não na base do ódio racial, mas fundamentados em valores políticos e morais muito superiores, aos que o colonizador representava.

Nos países ocidentais, a nossa luta era praticamente desconhecida. Com a excepção de algumas forças políticas progressistas e grupos de solidariedade, ou em esporádicos trabalhos de um jornalista particularmente sensível, honesto e competente, a grande máquina informativa promovia a ideia de que o colonialismo português era «o melhor de entre os colonialismos», popularizando o conceito do «lusotropicalismo» e atribuindo a Portugal uma missão especial de «multirraciedade».

Nós, que lutávamos pela independência, pela liberdade e pela justiça, que defendíamos a igualdade entre os homens, que praticávamos uma política de clemência éramos na, máquina

ideológica imperialista, apelidados de «terroristas». Era esta então a informação «objectiva» e «neutral», a «Liberdade de informação» que se defendia, o «livre fluxo de informação» que se propunha. O golpe militar antifascista, de 25 de Abril de 1974 em Portugal foi, na opinião dos seus próprios autores, uma desesperada



«As nossas lutas deram à África o exemplo de povos que aceitam morrer para serem livres e independentes»

tentativa para salvar aquele País europeu da derrocada política, económica e militar que as nossas guerras de libertação haviam causado.

Não era concebível, para o imperialismo cultural, que se veiculasse para todo o mundo a vitória total dos nossos povos, «subdesenvolvidos e africanos», sobre um exército europeu. Era perigoso para a estabilidade dos valores ideológicos dominantes aceitar povos africanos como fazedores de História e, horror dos horrores, fazedores de História na Europa. Por isso, os grandes meios de comunicação de massas optaram por, pura e simplesmente, inverter os factos e substituir a causalidade histórica pela descrição cronológica: para essa informação «objectiva», não foram as nossas lutas vitoriosas pela independência que forçaram os militares portugueses a abreviar a queda do regime para salvar a nação; as nossas independências foram para esses meios de informação um mero produto do golpe em Portugal.

Hoje, a agressão informativa, como parte de uma agressão ideológica mais vasta, prossegue.

A guerra de libertação nacional do heróico povo maubere é, como o foram as nossas, objecto de uma conspiração do silêncio.

Mas os grupos de assassinos, raptos, falsificadores, contrabandistas, mercenários a soldo dos interesses mais abjectos constituem assunto de «interesse jornalístico» e são tratados por esses grandes monopólios informativos como «rebeldes», como grupos «políticos de oposição».

A «neutralidade» e «objectividade» dos grandes monopólios exprime-se, enfim na propaganda feita aos terroristas antipatrióticos da África, Ásia e América-Latina e no combate sem tréguas que travam contra o terrorismo quando ele ocorre na Europa ou na América do Norte.

A técnica de esvaziar as palavras do seu conteúdo é uma técnica elementar de propaganda. O princípio de que a verdade é uma mentira gritada bem alto é um axioma, a mais repugnante forma de opressão e dominação.

É esta ordem informativa, esta concepção falsa e manipuladora, que nos procuram impor.

Caros Camaradas
e Amigos

A exploração colonialista é de uma brutalidade grosseira: nega ao colonizado o direito à inteligência e apropria-se do seu corpo.

O projecto de exploração neocolonial é muito mais sofisticado: reconhece à vítima o direito ao próprio corpo e apropria-se da sua inteligência.

O processo de recolonização mental é feito essencialmente através do controlo sobre a indústria cultural e sobre os poderosos meios de comunicação de massas.

Já me referi à manipulação informativa. Gostaria de mencionar, ainda que sucintamente, a cilada da Televisão e Cinema. A quantidade de imagem que nos chega do exterior é muito superior ao que podemos produzir. Através dela são-nos propostos tipos de vida, modelos de comportamento, valores culturais e modas de consumo que são totalmente alienados das nossas realidades sócio-culturais e da personalidade dos nossos povos. A carga ideológica que estes meios canalizam visa desnacionalizar os destinatários da mensagem, criar-lhes expectativas de vida, de modelos, de consumos totalmente alheios às possibilidades contidas na realidade em que vivem.

A sofisticação técnica dos meios que a produção de imagem requer, tende muitas vezes a dominar os nossos realizadores. Os pontos de referência da sua formação, por escassez de uma experiência nacional consolidada, são muitas vezes estrangeiros. Aprendemos a aceitar, como «universais», conceitos de espaço, tempo, ritmo, enquadramento, montagem, efeito sonoro, dramatização que são em última análise expressão da síntese de um limitado número

de culturas. Em geral essas culturas exprimem já um nível mínimo de convergência porque são expressão por sua vez de sociedades cuja base material é desenvolvida.

No momento em que nos submetemos, pela persistência da agressão, a essa estrutura de linguagem alheia, desmorona-se todo o sistema que sustenta e defende a personalidade nacional.

O efeito não é a aculturação, que pelo menos substitui com novos, os valores e os padrões que se diluem. O resultado deste é a des-culturização que deixa o homem intelectualmente nu, totalmente desarmado, vulnerável ao processo de recolonização mental.

Caros Camaradas
e Amigos

Pela primeira vez uma organização das Nações Unidas, e uma das mais importantes e prestigiadas, a UNESCO, está em perigo de sobrevivência. A causa principal é a luta por uma Nova Ordem Internacional da Informação e Comunicação. Este facto constitui a mais Informação tem presentemente na estratégia óbvia demonstração do papel central que a de dominação à escala do nosso planeta.

E se a missão do explorador é explorar, a nossa tarefa é consolidar a nossa liberdade, aprofundar o conteúdo da emancipação nacional até conseguir a libertação total e completa a que nos propusémos.



«A técnica de esvaziar as palavras do seu conteúdo é uma técnica elementar de propaganda. O princípio de que a verdade é uma mentira gritada bem alto é um axioma, a mais repugnante forma de opressão e dominação»

Neste contexto, a cooperação entre os nossos países assume grande importância.

A crescente unidade de acção e o desenvolvimento do intercâmbio entre nós são factores essenciais da vitória. Cada minuto de rádio, cada polegada de jornal, cada minuto de écran ocupados por produção dos nossos paí-

ses constituem outro tanto tempo ou espaço que deixámos de oferecer ao inimigo.

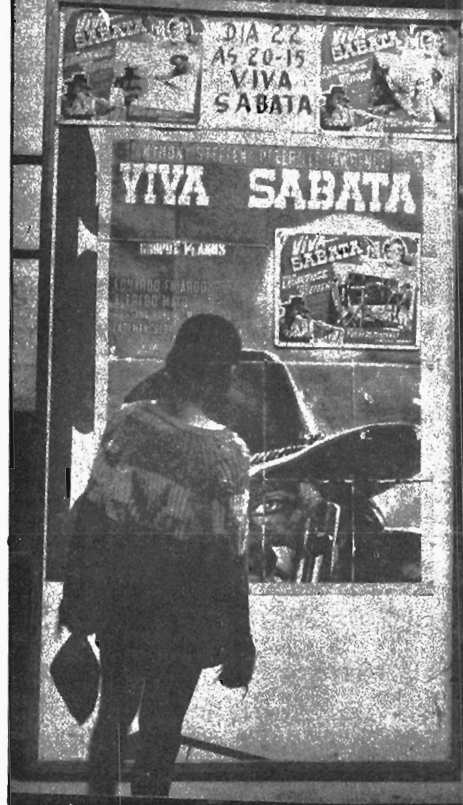
Optando pela qualidade, sempre que a quantidade pretendida ainda não está ao alcance de todos nós, devemos procurar caminhos que aproximem as nossas estratégias e as nossas acções.

A permuta de materiais e programas informativos, a troca de experiências sobre questões organizativas, sobre formação profissional, sobre sucessos alcançados e erros cometidos, o conhecimento mútuo das formas de rentabilização dos nossos órgãos de informação e infra-estruturas produtivas, o crescimento do nosso pensamento comum, são alguns dos instrumentos preciosos da luta que partilhamos.

Pensamos que, neste esforço de cooperação, é essencial que saibamos dar ao material das áreas do desporto, da cultura e da recreação a importância prática que têm no plano da confrontação ideológica.

Estas são áreas onde, creio, não temos exercido a necessária vigilância, nem uma permanente troca de informação. Por exemplo, a grande maioria dos nossos leitores conhece os

«A
quantidade
de imagem
que nos
chega do
exterior
é muito
superior ao
que podemos
produzir»



A comunicação é acto cultural

● Declaração final

No termo da reunião dos Ministros da Informação dos «Cinco», foi emitido um comunicado final que contém os princípios orientadores da acção dos países africanos de língua oficial portuguesa.

O texto que a seguir transcrevemos é o comunicado na íntegra, com excepção das introduções protocolares:

Durante os anos da Luta de Libertação Nacional em Angola, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique e S. Tomé e Príncipe, o trabalho da Informação realizado pelos Movimentos de vanguarda constitui uma arma poderosa na mobilização, organização e unidade dos nossos povos, na luta contra o colonialismo português pela conquista da independência total e completa.

Inspirados nesse passado ainda recente, os nossos povos travam hoje uma luta decisiva em defesa da sua soberania, pela consolidação da independência nacional e pelo desenvolvimento económico, cultural, social, livre e harmonioso.

Sendo a Comunicação social, nesta fase, um acto eminentemente cultural e de afirmação da personalidade, a exigência fundamental é darmos combate a todas as formas de alienação. Informar, nos nossos países, é saber conjugar no indicativo presente o património histórico e cultural de que somos portadores; é fazermos circular as experiências de cada comunidade tornando-as património nacional e contribuindo assim para a materialização da Unidade Nacional; é sabermos construir os nossos próprios padrões de conceitos e valores, para que nos possamos orgulhar das nossas realizações.

Ser profissional da Informação

nos nossos países, é, antes de tudo, saber aliar a capacidade profissional à consciência patriótica. O profissional da Informação, como agente activo e intransigente da descolonização total da sociedade, e, em particular, da descolonização mental, deve identificar-se completamente com o povo para nele se poder inspirar, porque no povo tem o seu principal destinatário.

Hoje, quando no plano internacional se assiste a uma crescente agressividade do Imperialismo, os Cinco Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa, inspirados na sua experiência histórica comum, reforçam a sua unidade em defesa da Liberdade e Independência e o seu repúdio à exploração. É esta recusa de nos deixarmos dominar, que faz de nós alvo permanente de agressões militares, económicas, culturais e ideológicas.

Somos agredidos diariamente pela mentira, pela calúnia e pela manipulação informativa. Como

melhores jogadores de futebol de países como a Inglaterra, Portugal, Itália ou França mas não conhece os melhores futebolistas da Tanzânia, da Argélia, de Angola, ou da Guiné-Bissau. Os públicos dos nossos países conhecem melhor os grupos musicais norte-americanos ou europeus do que os grupos musicais dos países vizinhos e às vezes do próprio país.

E quando digo que não temos exercício a necessária vigilância neste campo é porque é através destes persuasores subtis que nos são propostos modelos externos à nossa realidade cultural e nacional, é através de mecanismos aparentemente inócuos que melhor se efectiva a penetração ideológica, a tentativa de despersonalização dos povos.

Permitam-me que situe como preocupação da nossa cooperação a concertação de posições acerca da actividade internacional e, em particular, da Agência Pan-Africana de Notícias e da «Pool» dos Não-Alinhados. A PANA representa, a nível continental, o somatório de muitas acções de cooperação bilateral, o resultado de inúmeros esforços de países africanos para se libertarem do jugo das grandes multinacionais da Informação. A PANA é portanto, para

nós um instrumento estratégico de todos os povos africanos no domínio da Informação, e quanto maior for o fluxo informativo entre nós, mais informação poderemos canalizar para a PANA, e, através dela, para o mundo.

Importante é igualmente a articulação dos nossos esforços e ideias em torno da «Pool» das Agências dos Países Não-Alinhados que consideramos outra das conquistas mais marcantes para uma nova ordem informativa.

Para que a nossa cooperação ganhe coesão e nos garanta sempre o controlo das situações, somos de opinião que devemos prevenir-nos contra as iniciativas ofensivas, e por vezes insidiosas, de países e entidades que se propõem como única contraparte do conjunto dos nossos cinco países. Os contactos com tais países ou entidades devem ser, em nossa opinião numa base bilateral, de igualdade e de respeito mútuo. Sempre que, no âmbito desses contactos, se tratarem assuntos que interessem a um outro dos nossos países, pensamos que compete exclusivamente a nós, e nunca ao nosso interlocutor promover as necessárias consultas e a devida coordenação.

□

todos os povos, os povos de Angola, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique e S. Tomé e Príncipe têm o direito de defender e de ver apresentado, num justo enquadramento histórico-cultural, a verdade sobre a nossa realidade. Tal como no passado soubemos libertar a língua portuguesa da utilização imposta pelo poder colonial, ela continuará no presente a ser, para nós, um instrumento de cooperação e de troca de experiências, uma ferramenta de trabalho para o aumento da nossa capacidade de defesa e realização.

O desenvolvimento da cooperação entre nós, no campo da comunicação social, é fundamental para o reforço do conhecimento recíproco dos nossos povos, para que cada um consolide a consciência de que não trava um combate isolado, na defesa dos objectivos porque luta.

A reunião dos Ministros dos Cinco Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa, consciente das justas acções que levaram os Povos do chamado «Terceiro Mundo» a reclamar uma Nova Ordem Internacional da Informação e

Comunicação, reitera o seu engajamento no esforço da Agência Pan-Africana de Informação — PANA — e o seu apoio aos objectivos que, através dela, a África se propõe atingir.

A «Pool» das Agências no âmbito do Movimento dos Não-Alinhados constitui outro instrumento fundamental para uma Ordem Internacional Informativa livre e democrática.

A importância que a Informação desempenha como instrumento de libertação e as experiências positivas que a PANA e a «Pool» já representam, traduziram-se na violência com que os grandes monopólios reagiram a esta justa reivindicação dos povos.

A UNESCO, como Organismo da Comunidade Internacional, soube assumir esta legítima aspiração, e de uma forma democrática, fazer sua a vontade da maioria.

Neste contexto, e numa altura em que os grandes monopólios da Informação lançam uma violenta campanha difamatória contra a UNESCO, a reunião dos Ministros da Informação de Angola, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambi-

que e S. Tomé e Príncipe, reafirma o seu apoio total ao conceito de Nova Ordem Internacional da Informação e Comunicação, e exprime, a sua plena confiança e solidariedade à UNESCO e à sua justa linha de orientação.

Os Cinco Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa saúdam com calor e entusiasmo todas as Agências e outros Órgãos de Informação que, em número crescente, e com espírito progressista e democrático vêm respeitando o direito dos povos à Informação verdadeira e fazendo das Agências Nacionais a sua principal fonte informativa.

No espírito das decisões emanadas da V Cimeira dos Chefes de Estado dos Cinco Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa, em S. Tomé e Príncipe a reunião dos Ministros da Informação regozija-se com os resultados alcançados no decorrer dos trabalhos deste primeiro encontro, ciente de que é mais um passo decisivo na prossecução e materialização dos objectivos comuns.

□